Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro
Estudo 12 – Altos e Baixos de um Povo
Juízes 19; 20 e 21

Elaborado por Solange Livio
slivio@ibest.com.br

Com este estudo, terminamos as nossas meditações sobre o livro de Juízes. Falta-nos ainda uma lição para concluirmos toda a série sobre a conquista de Canaã, porém esta última se dará em outro livro da Bíblia.

Os estudos realizados até aqui, ainda que abreviados e marcados por limitações, nos mostraram como a vida espiritual de Israel foi atingida pelas oscilações do povo quanto à fidelidade ao Senhor.

Propensos à idolatria, facilmente os filhos de Israel se desviaram do Senhor para seguirem após outros deuses. Melhor dizendo, a falsos deuses, porque só o Senhor é Deus e outro não há.

Chamados ao arrependimento pelas misericórdias do Senhor e até mesmo premidos pelo sofrimento conseqüente ao pecado, voltavam para o Deus vivo, até que mais adiante se desviavam novamente.

Uma história repleta de altos e baixos, como vimos até aqui, mas que, na parte final do livro de Juízes, o rebaixamento moral e espiritual de Israel se acentua.

O povo, entregue a si mesmo, ficou sob a influência das suas próprias inclinações pecaminosas, indo de mal a pior. *"Um abismo chama outro abismo"*, nos diz o Salmo 42:7.

O episódio do levita, a sua concubina e os homens de Gibeá, no capítulo 19, é um relato detalhado de pecado, com acentuada brutalidade, extrema crueldade e vingança.

O levita e a sua concubina voltavam de Belém de Judá para a região de Efraim, onde residiam. Encontravam-se perto de Jerusalém quando o anoitecer se aproximava. O levita, porém, não quis pernoitar ali por ser a 'cidade dos jebuseus', terra de estranhos.

Pelo visto, Jerusalém fora retomada das mãos dos israelitas e, assim, Judá e Benjamim perderam seu poder sobre ela.

Caminharam até Gibeá, cidade pertencente a Benjamim, e optaram por pernoitar ali por ser terra de seus irmãos. Que decepção!

A decadência moral e espiritual era de tal ordem que os acontecimentos que se seguiram foram impressionantemente fortes, ou melhor, terrivelmente chocantes, tamanha crueldade.

A primeira decepção: nenhum dos moradores benjamitas lhes ofereceu hospedagem. Já não havia mais o sentimento de fraternidade. Foram acolhidos por um homem já velho, conterrâneo do levita. Assim, o único homem em Gibeá que ofereceu hospedagem aos visitantes era um estrangeiro também.

O mais grave estava por acontecer. Homens de Gibeá , 'filhos de Belial', ou seja, homens levianos, perversos e de caráter degradante intentavam abusar do levita. O pecado em Gibeá se assemelhava ao dos homens de Sodoma (Gênesis 19:5). Impedidos pelo hospedeiro, passaram a abusar da concubina do levita durante toda a noite, levando-a à morte.

"Fizeram vergonha e loucura em Israel" (Juízes 20:6).

A notícia chegou ao conhecimento de todo o Israel e causou tamanha indignação a todos

que a receberam, a ponto de virem a dizer: *"Nunca tal se fez nem se viu desde o dia em que os filhos de Israel subiram do Egito até ao dia de hoje: ponderai nisso, considerai e falai"* (Juízes 19:30).

As tribos de Israel chegaram a se reunir em Mispá, em assembléia especialmente convocada para tratar deste assunto, e decidiram tomar vingança do ultraje feito ao levita. Como parte desta decisão constou o juramento de não darem suas filhas em casamento a nenhum dos filhos de Benjamim.

"Assim se ajuntaram contra esta cidade todos os homens de Israel, unidos como um só homem" (Juízes 20:12). É lamentável ter sido necessário um acontecimento dessa natureza para promover novamente a unificação da nação de Israel, o que não vinha acontecendo até então.

A intenção primeira era a de eliminar apenas os homens 'filhos de Belial' da cidade de Gibeá, a fim de tirar o mal de Israel. O pecado precisa ser tratado de maneira a ser desarraigado para que suas conseqüências não se estendam e se agravem ainda mais.

Porém, ficou evidente que os benjamitas não pesaram a gravidade do pecado dos homens de Gibeá, uma vez que acharam melhor apoiá-los, enfrentando uma guerra civil com todas as demais tribos de Israel, do que consentirem que eles viessem a receber a punição necessária.

Teve início a guerra contra os benjamitas, que recebeu o consentimento do Senhor (Juízes 20:18, 27, 28 e 35), provavelmente em razão da recusa em eliminar o pecado de seu meio.

Benjamim era uma tribo pequena, se comparada às demais. Tinha a 17ª parte do total dos homens de todas as tribos.

Num primeiro momento, o exército das outras tribos foi vencido, mas o resultado final foi a extinção da tribo de Benjamim, exceto os seiscentos homens que fugiram para o deserto (Juízes 20:47).

A dor e o lamento tomaram conta do coração dos israelitas que disseram: *"Ah! Senhor, Deus de Israel, por que sucedeu isto em Israel, que hoje lhe falte uma tribo?"* (Juízes 21:3). Esta expressão reflete claramente o conceito da unidade de Israel como povo de Deus, de modo que a eliminação de uma tribo corresponderia à mutilação de parte de um corpo. Este mesmo sentimento de solidariedade se faz presente na base da unidade da Igreja de Cristo no Novo Testamento.

Compadecidos, os filhos de Israel desejavam ver a tribo de Benjamim reerguida, o que só poderia acontecer pelo casamento daqueles seiscentos homens, que fugiram, com moças israelitas. Porém, estavam presos a um ato do passado, precipitado e impensado, uma vez que juraram não dar suas filhas em casamento aos benjamitas.

Em busca de solução, lançaram mão de um expediente que veio trazer ainda mais crueldade e extermínio ao meio de Israel.

Lembraram que os israelitas que habitavam as terras de Jabes-Gileade não participaram da assembléia em Mispá e não enviaram seus filhos à guerra contra os benjamitas. Fizeram disso motivo digno de extermínio e tomaram quatrocentas moças destinadas a serem esposas dos benjamitas sobreviventes.

Não sendo ainda suficiente, utilizaram um outro recurso visando mais algumas esposas para os benjamitas. Em respeito ao juramento feito, não podiam dar suas filhas a eles, mas não hesitaram permitir aos moços benjamitas furtá-las e, para isso, se utilizaram da festa ao Senhor realizada anualmente como uma boa oportunidade.

Dessa forma, a tribo de Benjamim foi sendo recuperada.

Estas são as conseqüências do pecado e do afastamento de Deus: maldade, violência, furto, mentira, idolatria; enfim, destruição em todas as esferas da vida.

É possível entender porque o livro de Juízes é considerado um dos mais tristes da Bíblia, mas também, repetimos, um convite ao arrependimento.

Não devemos pensar que Deus exige apenas tristeza e remorso da parte do pecador. O arrependimento verdadeiro implica em mudança de mentalidade e de comportamento. O pecado precisa ser expiado e eliminado.

Porém, é certo que Deus não tem prazer na condenação de ninguém, antes deseja que todos sejam salvos (Ezequiel 18:32 e I Timóteo 2:4).

Por isso, prezado ouvinte, se você se sente distante de Deus, sem salvação; se você se reconhece pecador e até se considera indigno do favor de Deus, não desanime. Há remédio para o pior de todos os pecados: o sangue de Jesus Cristo, derramado na cruz do Calvário em nosso lugar. A graça de Deus é graciosa e poderosa o bastante para levantar o caído, por mais grave que tenha sido a queda moral e espiritual. Por isso, o Evangelho de Jesus Cristo é o Evangelho de boas novas de salvação.

Atenda ao apelo amorável da graça de Deus e receba a Cristo hoje mesmo como seu Senhor e Salvador pessoal porque *"A nova do Evangelho já se fez ouvir aqui..."* (Hino 188 – Cantor Cristão).

Amém.

Consulta Bibliográfica:
McNAIR, S.E. *A Bíblia Explicada*.4ª ed.
Rio de Janeiro: CPAD, 1983.